

## EXTRA-CLASSE

Carai

ComNorte

# Você conhece alguma rádio comunitária?



Ronaldo Isaias tem a colaboração da filha, Gisserre

Quem sintonizar a frequência 106,3 FM em Santa Maria poderá conferir a programação da Carai ou da ComNorte. São rádios “especiais”, denominadas comunitárias e, segundo a legislação, não devem ter fins lucrativos. Elas devem apresentar conteúdos de informação, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo mais que possa contribuir para o desenvolvimento das comunidades, no sentido de buscar a ampliação da cidadania. Esses são elementos que possibilitam as características próprias e as diferem das emissoras radiofônicas comerciais. Mesmo assim, muitas pessoas desconhecem que são legalizadas e acham que são rádios livres, ou para os leigos, “piratas”. A abrangência de cada uma é dividida na extensão da cidade. A Carai cobre toda a região sul e a ComNorte, como o nome anuncia, atinge a região norte.

Dar voz e vez à comunidade é a principal finalidade da rádio comunitária, que teve seu funcionamento regularizado a partir da lei 9.612/98. De acordo com a

professora da disciplina de radiojornalismo da UNISC, Veridiana Pivetta de Mello, que também coordena alunos da disciplina na emissora comunitária de Santa Cruz do Sul “foi um grande passo para fortalecer e legitimar a comunicação comunitária no país”. Esse veículo surge pré-determinado a contribuir para a democratização e ampliação da cidadania, por meio da participação ativa de qualquer pessoa na transmissão das informações. Mas será que isso acontece em Santa Maria?

“Ainda é muito cedo para avaliar se efetivamente elas cumprem ou não o papel de uma rádio comunitária”, analisa o professor de radiojornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra), Gilson Piber. Ele diz que as duas rádios comunitárias de Santa Maria são “novas”, passam por um processo de adaptação e precisam do apoio e participação da comunidade. O professor afirma também que atingir o objetivo legal é um processo lento e gradativo, mas recomenda que o ideal é

que essas emissoras abram o espaço para os moradores participarem, pois “do contrário elas apenas farão o que as rádios comerciais fazem hoje”.

O respeito aos valores éticos e sociais é um dos princípios desses veículos, que devem dar oportunidade à manifestação da pluralidade de opiniões, para assim possibilitar a formação de um senso crítico e o posicionamento diante dos fatos, sem o risco de haver algum interesse interferindo. Isso diferencia a rádio comunitária das comerciais, que vendem conteúdos projetados a partir da publicidade existente. O dirigente da Associação de Veículos de Comunicação de Santa Maria, Neimar Beschoren, comenta que há uma relação de respeito nos dois tipos de emissoras (comunitárias e comerciais), mas ele pondera que deve haver legitimidade na operação. “A legislação vigente, que regula o setor de comunicação do país, deve ser o eixo central para todos aqueles que almejam

prestar qualquer serviço na área de rádio difusão, independente da potência a ser operada”, defende Beschoren.

## Futuro tendencioso

No Brasil, as rádios comunitárias tendem a estar “atreladas a interesses políticos mesquinhos, pessoais ou a interesses religiosos”, comenta a professora do curso de comunicação social da UFSM, Márcia Franz Amaral. Para ela, é um processo complicado abordar a política do ponto de vista de uma comunidade e manter a isenção dos diversos interesses em jogo nas comunidades. A professora se refere a uma pesquisa coordenada pelo jornalista, sociólogo e professor da Universidade de Brasília, Venício Lima, que considera que “as rádios comunitárias foram cooptadas por um novo tipo de coronelismo”. Márcia lança a questão: qual a definição desses veículos? Ser local, ser oposição, ser alternativo ou ser contra-hegemônico?

## As rádios e seus idealizadores



Paulo Rodrigues: tocando a Carai FM com ajuda da comunidade

Para a democratização da informação as rádios comunitárias devem dar espaço a todas as pessoas, religiões e partidos políticos. Isso deve ocorrer de forma equilibrada, para não privilegiar nenhum grupo em específico. Todavia, fazer isso ao ‘pé da letra’ é uma tarefa árdua, porque nem sempre há o interesse de manifestação de todas as partes, alega o diretor da Rádio Carai, Paulo Roberto Rodrigues. A sede da rádio, que completa três anos em setembro, é na sala da residência de Paulo Roberto e de sua esposa, Roselaine Magrini, que é apresentadora da maioria dos programas musicais da emissora. Roselaine também

coordena o funcionamento administrativo e orienta os demais que fazem parte da programação. No local, houve uma adaptação que comporta o estúdio de quatro metros quadrados, onde são apresentados programas musicais e religiosos, além de programas jornalísticos.

Na Carai FM, quatro programas jornalísticos são apresentados: o *Informação*, que é uma síntese noticiosa que vai ao ar ao vivo, por telefone, direto dos estúdios da Unifra (diariamente), às 20h, e tem dez minutos de duração; o *Estação Notícia*, com entrevistas, enquetes, reportagens e serviços, todas as quartas e sextas-feiras, com apresentação ao vivo, direto dos estúdios da rádio, das 7h às 8h; e o *Carai Esportes*, todos os sábados das 12h às 13h e também ao vivo, no estúdio da rádio, na Vila Tropical.

Outra parceria da Carai foi estabelecida com o Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de comunicação social da UFSM, que há mais de um ano e meio, todas as segundas-feiras, das 7h às 8h, os alunos apresentam ao vivo o programa *Ecolândia*, que tem o objetivo de levar à comunidade informações sobre o meio ambiente e qualidade de vida.

## ComNorte

Projetos para o futuro é que não faltam para o diretor da Rádio ComNorte, Ronaldo Isaias Cabral da Silva. Depois de ter duas vezes os equipamentos apreendidos pela Polícia Federal, em 2003 e em 2005, por estar no ar sem regularização, hoje ele pode respirar aliviado com a liberação da concessão, em março de 2007. A rádio está fixada na Vila Kennedy, zona norte de Santa Maria. Para Isaias, a demora da regularização da ComNorte se deu pelo engavetamento do processo no Ministério das Comunicações: “Há uma discussão política que dificulta a liberação”.

Com a experiência de mais de 20 anos como radialista, Ronaldo Isaias conta que a programação da emissora é feita com o aval de sete associações comunitárias da região abrangidas pela rádio. “Ela continua com a sua programação do início, sempre melhorando”. Ele fala dos estilos musicais como funk, hip-hop, dance, que não tinha propagação para a grande massa. Ele destaca que são ritmos variados que “estão dentro da vila”. Quanto a programas jornalísticos, o próprio radialista faz um jornal ao meio-dia. Apesar de recente, a rádio já tem uma unidade móvel, um automóvel, que segundo o diretor “é a única rádio com esse recurso na cidade, no momento”. Também possui um computador que auxilia na produção dos programas. Ele fala que esses mecanismos ajudam na construção de um produto de qualidade e também contribuem para “pegar o espaço que as rádios comerciais deixaram”, por se preocuparem muito com comerciais e deixar de lado o conteúdo.

“Eu tenho muito medo da política”, afirma Ronaldo Isaias, que garante que conhece cada pessoa da comunidade, e sabe se há ou não interesse atrás de uma manifestação na rádio. “Nós damos espaço, recebemos cartas”. A novidade da ComNorte é a apresentação, até o final do ano, da radionovela “Simplesmente Vânia”, uma forma de homenagem a uma moradora da comunidade. Outra é a inscrição da associação para concorrer a um canal de TV Comunitária. Com o gás de quem começa uma atividade, Isaias destaca que não conseguiu fazer ainda 30% do que sabe, pois “faltam recursos financeiros”.